

O ACONSELHAMENTO COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DO VOCACIONADO EM TREINAMENTO E NO CAMPO

Esp. Ivo Waldow¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

O presente trabalho procura fazer uma análise da relevância do aconselhamento no desenvolvimento estudantil, em especial na formação dos inscitos em curso de teologia, mais especificamente da teologia pastoral, a partir de uma análise dos documentos de um Seminário Teológico e de pesquisa bibliográfica. Haja vista que a principal tônica dos inscitos é que os mesmos têm um chamado de Deus, isto é uma vocação divina, espera-se que nada poderia fazer uma pessoa desistir dessa vocação. No entanto, há aqueles que abandonam o curso e outros que, depois de terem concluído todo o processo de preparo, justamente quando estão aptos para exercer o pastorado, não o fazem. É preciso, portanto, entender se há uma contradição ou se houve falhas no processo de ensino-aprendizagem e no acompanhamento supervisionado por um conselheiro/mentor, ou até mesmo na ausência deste.

PALAVRAS-CHAVE: Aconselhamento. Ministério pastoral. Formação teológica. Igreja.

ABSTRACT

This article aims to make an analysis of the relevance of counseling in educational development, especially in the pastoral theology graduation, based on an analysis of a theological seminary's documents and bibliographical research. Knowing that the essence of entering this course is that the undergraduates were called by God, which is a divine vocation, it's expected that nothing could make one withdraw from one's calling. However, there are those who leave the course and others who, after finishing all the preparation process, right when they are able to practice pastorate, they don't. It's needed, then, to understand if there is a contradiction or if there were flaws in the educating process and in the supervised support by a counselor/mentor, or even on their absence.

KEY WORDS: Counselor, Pastoral Ministry, Seminary, Church.

¹ Graduado em Teologia Ministerial (Instituto Teológico Boa Terra), em Psicologia (FEPAR) e Bacharel em Teologia (Cesumar). Pós-graduado em Aconselhamento e Gestão de pessoas (FATEBE).

² Professora Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. Professora do curso de graduação "Bacharelado em Teologia" e do curso de pós-graduação "Aconselhamento e Gestão de Pessoas" da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo teve seu início a partir da percepção da carência de material existente que se reporte a respeito da atuação do conselheiro nas instituições de ensino teológico. Uma instituição de ensino teológico, ou uma “casa de profetas”, oferece capacitação a pessoas que se sentiram chamadas, ou que tenham vocação para o serviço pastoral nas igrejas cristãs. Essa e outras instituições teológicas proporcionam educação formal a fim de que o estudante tenha uma boa compreensão da doutrina bíblica e da história da igreja, objetivando que o mesmo se torne apto a executar as tarefas a que corresponde o exercício do ministério pastoral.

Para entender o que faz com que uma pessoa ingresse numa instituição teológica e, por algum motivo, desista de seu ministério pretende-se fazer uma análise do valor e da importância do aconselhamento pastoral como contribuição na vida do estudante da teologia pastoral enquanto ele se encontra em seu processo de formação teórico/prática. Neste artigo, por meio da revisão de literatura, buscou-se averiguar se existe uma lacuna no período da formação vocacional, que é o treinamento teórico/prático, haja vista a quantidade de desistências, seja durante o período de estudos, que inclui o tempo de estágio, ou o período posterior. A pesquisa bibliográfica procurou embasar a importância do aconselhamento nesse processo.

A pesquisa feita procurou identificar a contribuição do conselheiro e do aconselhamento nesse tempo de aprendizado e o acompanhamento posterior, se houver. Houve um levantamento dos dados da quantidade de inscritos na instituição de ensino teológico analisada e o percentual de alunos que concluiu ou desistiu. Para obter esses dados, foi utilizado o arquivo de inscrições da própria instituição teológica. Serão abordadas também algumas questões sobre o vocacionado, o processo do desenvolvimento de sua formação acadêmica e a participação do conselheiro/mentor.

A INSTITUIÇÃO TEOLÓGICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO VOCACIONAL

No capítulo quatro do evangelho de Mateus há o relato de alguns episódios do início do ministério de Jesus, que convidou pessoas para serem seus seguidores, aos quais denominou “discípulos”. No capítulo dezesseis do mesmo evangelho, Ele pergunta aos discípulos: “vós, [...] quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:15-16 RA). E, no final desse mesmo evangelho, Jesus disse: “Ide, portanto, fazei discípulos de todos os povos, [...]” (Mt 28.19 RA).

De acordo com Hardy (2007), “o treinamento é um mandato que recebemos do Senhor Jesus como parte de sua grande comissão para toda igreja” (p. 27-28). Com isto, observa-se que uma pessoa para fazer parte do ministério pastoral precisa ter a Cristo como o seu Senhor e ter sido chamada para esta vocação. Ter a Cristo como o Senhor, significa dar o primeiro passo na vida ou caminhada cristã, que será desenvolvida com outros seguidores de Cristo, observando Seus ensinamentos. A partir do exemplo da caminhada dos discípulos com Jesus por mais de três anos para só então serem considerados preparados para a missão à qual foram chamados, compreende-se a necessidade significativa da pessoa ser treinada a estar apta para o ministério ao qual será designada; por esse motivo existem as instituições de ensino da bíblia e de teologia.

No crescimento de vida cristã é necessário que a pessoa seja pastoreada, discipulada ou orientada nos passos que deve dar na sua caminhada como cristão, por exemplo, dar bom testemunho da transformação pela palavra e ação do Espírito Santo. Numa instituição teológica de ensino, a vida cristã é trabalhada de forma mais intensa pelo convívio diário com professores, pastores conselheiros e demais estudantes, além do estágio junto a igrejas locais, onde podem vir a exercer alguma liderança, sob supervisão pastoral de forma contínua, obtendo um conhecimento profundo das Escrituras e da dinâmica do exercício vocacional.

Em artigo publicado no *site* de notícias Aetal³, em maio de 2014, o pastor Paulo Costa, em sua explanação sobre “O que a Igreja espera da educação teológica”, afirma que:

³ AETAL: Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina. É uma associação juridicamente constituída de instituições evangélicas de educação teológica que visam o fortalecimento da formação de líderes para a Igreja de Cristo.

Educação teológica deve imergir o estudante em um processo integral de formação e prática, com a esperança de que, ao final do seu treinamento teológico, ele esteja suficientemente preparado para ajudar a igreja a realizar a sua tarefa principal: anunciar as boas-novas de salvação. (COSTA, 2014, s.p.)

Reconhecendo o chamado vocacional

Sentir-se chamado, convocado por Deus, é algo extraordinário; desejar cumprir esse chamado e almejar o ministério pastoral de cuidar do rebanho do Senhor é algo excepcional. A Palavra de Deus nos afirma que: “Se alguém aspira o episcopado, excelente obra almeja” (1Tm 3.1 RA). Sendo que “receber” e “reconhecer” este chamado podem ser distintos na vida das pessoas, conforme Jesus disse aos discípulos: “[...] A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (MT. 9.37,38 RA).

A tarefa dos seguidores de Cristo (igreja) é de interceder ao Senhor para que Ele convoque aqueles que quer enviar. No Antigo Testamento, por exemplo, devido ao clamor do povo do Senhor que estava no Egito, Deus chamou a Moisés para libertá-los da escravidão (Êx 3.9,10 RA). Em Juízes 6.7-14 outra vez em resposta ao clamor (oração) do povo de Deus, o Senhor levanta um libertador, Gideão. Além destas, há outras passagens que apresentam diferentes tipos de “chamamento”, como o caso de Daniel (Beltessazar), Hananias (Sadraque), Misael (Mesaque) e Azarias (Abede-Nego) (Dn 1.1-20 RA), que, pela firmeza no propósito de representar ao nome de Deus numa nação estranha, na qual estavam como escravos, Deus os vocacionou de forma especial para fazerem o nome do Senhor Deus de Israel conhecido.

No Novo Testamento também há formas variadas no que diz respeito ao chamado divino: Jesus, por exemplo, convidou a alguns que O viram e O ouviram a serem seus seguidores. Posteriormente, os chamou ou os escolheu para serem seus discípulos (apóstolos), para estarem com Ele e ensiná-los para enviar com a missão de pregar o evangelho do reino (Mt 4.18-22; 5.1-2; 10.1-7). Em Atos, capítulo nove, é narrada a conversão de Saulo, que depois é denominado Paulo. Até então, ele era alguém que perseguia aos seguidores de Cristo, mas ao ser confrontado por Cristo, é chamado para uma missão especial de levar o evangelho aos gentios (não judeus).

Há outros modelos, como o de Timóteo (At 16.1-4), Tito (2 Co 2.13; 8.6), entre outros, que, a partir do discipulado de Paulo, se tornaram aptos para liderar e exercer o ministério pastoral. Mas há situações em que a igreja escolhe e designa pessoas para um ministério, como o é dos diáconos, conforme Atos, capítulo seis.

Atualmente, a instituição de ensino teológico tem como propósito contribuir para a capacitação da liderança com boa fundamentação de conhecimento bíblico e teológico. Para ingressar no curso de Teologia, há diversos requisitos a serem preenchidos, entre eles a carta de recomendação da igreja local de onde o então ingressante é membro, a qual é solicitada por diversos institutos teológicos, bem como o é no Instituto Teológico Boa Terra (ITBT⁴). Essa carta deve reconhecer a vocação e o chamado de Deus ao ingressante. Assim, um dos requisitos é que o ingressante tenha o chamado divino para essa vocação e que isso seja ratificado pela liderança da igreja. Espera-se que estudantes em Teologia pastoral atendam a um chamado divino e, sendo assim, é tido como inevitável por parte do vocacionado atendê-lo e cumpri-lo.

Por que, então, desistem do chamado?

No decorrer de seus estudos de preparação e de capacitação vocacional e mesmo durante o estágio prático tem-se observado um número crescente de desistências. Por meio de uma busca nos arquivos no ITBT em Piraquara, no Paraná, observou-se que, no período de 1996 a 2005, de um total de 98 inscritos para o curso de Teologia pastoral que iniciaram seus estudos, 23,5% deles interromperam antes de concluí-los e 9,2% desistiram logo após concluir o período do estágio; apenas 67,3% persistiram nos estudos e no pós-estágio, indo para o campo ministerial.

Espera-se, no entanto, que a instituição de ensino teológico não se satisfaça com essas desistências, pelo contrário, que se esmere em cuidados de atenção ao estudante a fim de que o mesmo complete sua jornada e,

⁴ Seminário afiliado à AETAL, estabelecido em Piraquara PR desde 1972 e que tem a Igreja de Deus no Brasil como mantenedora da instituição

posteriormente, continue a estar envolvido na execução do ministério para o qual se sentira chamado. Conforme notícia publicada no *site* Gospelmais, em junho de 2012 “O diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Lourenço Stélio Rega afirmou que aproximadamente 50% dos alunos que se matriculam no curso de teologia da instituição que ele representa desistem antes do final do curso” (CHAGAS, 2012, s/p).

E mesmo quem se graduou também desiste. Outra notícia, publicada no *site* Gospelprime, em maio de 2012, traz estatísticas compiladas de estudos do Instituto Fuller, do Instituto de Pesquisas George Barna e do *site* *Pastoral Care Inc*:

90% disse que o ministério é completamente diferente do que eles pensavam que seria.[...]
40% afirmam que pensaram em deixar seus pastorados nos últimos três meses. [...]
50% acreditam que seu ministério não vai durar mais 5 anos.
70% sentiram que Deus os chamou para o ministério pastoral antes de seu ministério começar, mas após três anos de ministério, apenas 50% ainda se sentia chamado (ARAGÃO, 2012, s.p.).

Oliveira (2004) fez uma pesquisa na área de teologia prática entre pastores brasileiros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) com ênfase em aconselhamento pastoral “cuidando de quem cuida”. Um dos dados é que o primeiro motivo para aqueles pastores optarem por esta vocação é o desejo de servir a Deus e, em segundo lugar, é o chamado divino em suas vidas; só depois vem o desejo de ajudar aos outros e outros motivos, como o de atender ao desejo da família. É possível unir as duas primeiras razões, pois indicam um mover de Deus na vida da pessoa, o que somaria 65,4% das respostas. Mas 34,6% dos que atuam no ministério pastoral tem ingressado no mesmo por razões secundárias, nas quais não se subentende um chamado divino.

Na discussão dos resultados, essa pesquisadora aponta para outro dado interessante: aqueles que ingressaram no ministério pastoral motivados pelo desejo de servir a Deus e aqueles que desejavam ajudar aos outros eram os mais satisfeitos no exercício da vocação (p. 68). Assim, as motivações pela qual as pessoas ingressam nas instituições teológicas são diversas e não exclusivamente em resposta a um chamado divino.

A respeito do chamado divino para o ministério pastoral, Weirsbe et. al. (2006) faz a seguinte consideração:

O trabalho do ministério é por demais duro e oneroso para que alguém o abraça sem o sentimento de um chamado divino [...] Não raro, as pessoas o iniciam e então abandonam, pois lhes falta essa premência que acompanha um chamado. Somente um nítido chamado de Deus pode fazê-lo persistir quando as coisas ficam difíceis no ministério. (Weirsbe et. al., 2006, p 11).

Não é satisfatório que uma pessoa receba o devido treinamento e depois decida fazer outra coisa. Há aqueles que persistem apesar de também encontrarem dificuldades, mas outros têm abandonado o projeto em algum lugar da caminhada. De acordo com essa citação, as desistências ocorrem pela falta de um claro e efetivo chamado divino em suas vidas para esta vocação.

No o artigo publicado no *site* de notícias Aetal citado anteriormente, o pastor Paulo Costa faz uma consideração sobre a existência de variadas possibilidades nas quais ocorrem falhas no processo ensino/aprendizagem:

Acontece que a experiência de muitos vocacionados que foram às escolas teológicas, revela que vários deles se perderam ao longo da jornada. Alguns alegam que entraram crentes e depois saíram não crendo em partes das Sagradas Escrituras. Entraram com ardor evangelístico e saíram sem amor pelos perdidos. Tinham uma espiritualidade fervorosa e se transformaram em críticos de tudo e de todos. [...] Ao voltar para a igreja esses estudantes sabem pregar bem, ministrar bons estudos bíblicos, mas sem a experiência prática ministerial, pois revelam desconhecimento das relações interpessoais, não sabem lidar com as tradições e os tradicionalismos denominacionais e locais. (COSTA, 2014, s/p)

A Instituição e o seu currículo (para atender aos vocacionados)

No *site* de notícias Aetal, há um texto intitulado “Um diálogo sobre a educação teológica” que afirma que:

Entendemos como finalidade da educação teológica a capacitação do povo de Deus para o serviço do reino. Essa capacitação deve ter como resultado pessoas aptas para as tarefas pastorais e educativas implicadas na formação do povo de Deus para o cumprimento de sua missão no mundo. As tarefas envolvem o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais, o evangelismo, o aconselhamento, o acompanhamento e a exortação visando o estabelecimento de comunidades maduras que glorifiquem a Deus no mundo. (AETAL, 2014, s/p)

Uma instituição de ensino teológico se preocupa normalmente com o aprimoramento de seu currículo a fim de obter os melhores resultados possíveis no desempenho de seus estudantes. Deseja-se abranger uma capacitação do mais alto nível no que diz respeito dos conhecimentos. Taylor (1998) afirma que as instituições teológicas formais muitas vezes se concentram em elementos de

conhecimento, deixando um pouco de lado as questões práticas da vida e de sobrevivência no campo de atuação. Esse mesmo autor apresenta uma análise dos resultados nos diferentes países, relacionando as principais causas de retorno prematuro do campo de atuação (baseado no relatório de Peter Brierly), e que, no Brasil, está em primeiro lugar o preparo inadequado, enquanto que em outros países esse item está em 9º lugar (p. 176).

Entende-se que o retorno prematuro, o abandono da missão, é uma questão que envolve algo mais amplo, pois no mundo dos negócios, das empresas e de instituições de Estado, diretores executivos e funcionários enviados para atuarem em um lugar fora de seu contexto cultural, este retorno antes de cumprir com o proposto também acontece numa proporção idêntica, segundo Taylor (1998, p. 24).

Para Taylor (1998), um dos equívocos por parte das instituições teológicas é o de perceber as perdas e não dar muita atenção a elas, ou se houver uma investigação, será de forma superficial, sem analisar as causas a fundo de forma que se possa encontrar alguma falha no processo do treinamento. A instituição precisa de um currículo forte, no que tange ao conhecimento, pois o próprio estudante espera que assim o seja.

Toda instituição de ensino sabe que seu programa de capacitação precisa ser dinâmico como o é a ciência do conhecimento, mas nem assim consegue atingir um bom resultado no produto final. Quanto às instituições teológicas, elas olham para seu público-alvo a fim de alcançar sua meta, que é enviar os vocacionados capacitados para anunciar o evangelho e proporcionando um crescimento significativo a igreja do Senhor Jesus Cristo.

A INSTITUIÇÃO E O SEU INVESTIMENTO

Uma instituição teológica investe tempo, recursos financeiros e a sua estrutura física e humana para treinar e equipar pessoas que deveriam ingressar no ministério pastoral num futuro próximo. Ao investir em pessoas, o que também é chamado de “capital humano”, espera-se obter retorno desse investimento. Neste caso, não necessariamente financeiro, mas de pessoas que vão ocupar espaços dentro da organização existente e que, assim, darão o devido retorno, que é o

pastoreio da igreja, cuidando do rebanho e o trabalho de anunciar o evangelho para as pessoas que ainda não fazem parte dela.

Jesus disse: “Ide [...] e fazei discípulos de todas as nações”(Mt 28.19a RA). Fazer discípulos é treinar pessoas a cumprir uma determinada tarefa, neste caso, para que a próxima geração tenha a oportunidade de ouvir o evangelho da salvação, tal qual esta geração a teve. Buzenitz(1995) *apud* MacArtur (1999) faz menção sobre o assunto dizendo que:

O treinamento para o ministério pastoral é uma forma especializada da ordem de fazer discípulos dirigida aos cristãos. Três partes essenciais desse treinamento são: caráter piedoso, conhecimento bíblico e habilidades ministeriais. O caráter piedoso precisa ser desenvolvido na vida moral, familiar, na maturidade e na reputação daquele que está sendo treinado. Os alvos principais do conhecimento bíblico são habilidades lingüísticas, estrutura teológica e familiaridade bibliográfica. As quatro áreas: liderança com convicção, ensino com autoridade, pregação com paixão e pastorado com cuidado compreendem a maior parte do desenvolvimento das habilidades ministeriais [...] (BUZENITZ(1995) *apud* MACARTUR, 1999, p. 139).

O mesmo autor diz que “A preparação para o ministério pastoral é uma jornada multifacetada, um processo extenso que consiste em diversas etapas” (p. 140). Entende-se ser também necessária uma equipe ampla e de conhecimentos distintos, a fim de treinar adequadamente ao ministério pastoral.

Não seria possível formar um ministro pastoral ensinando apenas conteúdos teóricos, pois o conhecimento prático se adquire colocando em prática o conteúdo aprendido. No entanto, se ele o fizer sozinho, não terá o mesmo êxito que poderá ter se tiver um instrutor que o oriente como fazer, alguém que também o demonstre na prática. Da importância de ouvir e ver, Bruce (2009) escreve fazendo referência ao treinamento que Jesus deu aos seus doze discípulos “olhos e ouvidos, testemunhas dos fatos de uma vida sem precedentes, eram indispensáveis para a preparação daqueles que testemunhariam no futuro” (p. 57).

Observa-se, no entanto, que muitas vezes, o desejo do aspirante ao ministério é cursar apenas as disciplinas necessárias para obter o diploma e, a partir disto, ir ao campo, por acreditarem que estão prontos após concluírem seus estudos, mas Buzenitez (1995) *apud* MacArtur (1999) faz uma ressalva “ao contrário da expectativa de alguns seminaristas, três ou quatro anos não são o suficiente para completar o processo. Antes, é uma peregrinação que nunca termina, exigindo um compromisso de busca contínua” (p. 141).

Uma instituição de ensino teológico precisa investir em pessoas que estejam preparadas para acompanhar a vida do estudante na sua formação, oferecendo orientação prática para a vida vocacional, por meio de seus professores, pastores e conselheiros. Por isso, ter um mentor ou alguém que o oriente em algumas situações difíceis é considerado indispensável. Caso contrário, segundo Clinebell (2007) é como estar “a deriva em alto mar, num pequeno barco, sem leme, sem bússola e sem carta hidrográfica durante uma tempestade” (p. 133).

A INSTITUIÇÃO E O CONSELHEIRO / MENTOR

A vida e o convívio num seminário é algo especial, mas sem o cuidado do deão ou de algum mentor ou conselheiro para ajudar e orientar aqueles que o Senhor chamou pode ser um desastre. Pois, numa instituição de ensino teológico que prepara pessoas para pastorearem a igreja, é preciso haver um cuidado a fim de que alcance os objetivos para qual ela mesma existe, como enfatiza Collins (1984, p. 13) “ensinar tudo o que Cristo nos ordenou e ensinou. [...] inclui instrução na doutrina, mas abrange também ajudar as pessoas a se entenderem melhor com Deus, com o próximo e consigo mesmas”. Neste aspecto, Jesus foi o melhor e o maior conselheiro / mentor de todos os tempos.

Hendricks (1999) faz um questionamento importante: “Qual será o legado pessoal para a próxima geração?” (p. 94) referindo-se ao exemplo que deve ser transmitido ou copiado por e com aqueles que nos cercam. Ele diz,

Mentorear [...] é exemplificado tanto no Velho como no Novo Testamento. Na realidade basta olhar para o relacionamento entre o profeta Elias e seu sucessor Eliseu, para termos um exemplo perfeito. [...] Ao nomear um sucessor para Elias, Deus estava provando sua fidelidade. Estava dizendo a Elias que seus esforços não haviam sido em vão. O futuro estava às portas. Melhor ainda, que ele próprio teria o privilégio de abrir as portas daquele futuro passando a tocha a Eliseu. Na minha opinião, esse é o maior benefício de instruímos outro indivíduo. Ao fazê-lo, estamos deixando uma herança àqueles que virão. (HENDRICKS, 1999, p. 93-94)

Para abordar a necessidade da atuação do conselheiro / mentor numa instituição de ensino, McKinney (1970) *apud* Friesen (2000) afirma que “Aconselhamento é um relacionamento interpessoal em que o conselheiro assiste ao indivíduo em sua totalidade no processo de ajustar-se melhor consigo mesmo e com

seu ambiente” (p. 19). Pois a pessoa que atende ao chamado divino para o ministério normalmente precisa se adaptar a realidades de ambiente e cultura distintos ao habitual e por isto é importante ter assistência por meio do relacionamento interpessoal no processo do ajustar-se consigo e com o ambiente. Durante o treinamento ao ministério, outra parte importante é o caráter, que deve ser digno da tarefa à qual foi convocado. Esse caráter normalmente precisa ser aprimorado, trabalhado por meio de orientações daqueles que já estão atuando e já adquiriram vasta experiência que pode ser compartilhada. A única forma de fazê-lo é dedicar tempo com aquele que está sendo treinado e preparado para o ministério.

Hardy (2007) compartilha sua experiência como estudante:

[...] O maior impacto que qualquer instituição de treinamento exerce vem dos relacionamentos que foram desenvolvidos com seus estudantes. A maioria de nós não consegue lembrar de muitas palavras que ouvimos durante os nossos anos de escola. Mas podemos nos lembrar daqueles que causaram um impacto em nós. Eles moldaram a forma como somos hoje e como ministramos. Ficamos honrados quando esses professores continuam a nos escrever e perguntarem sobre nós e a orarem conosco e por nós (HARDY, 2007, p. 245).

Warren (1997) conta sua experiência como estudante num seminário teológico, descrevendo seu anseio em atender ao chamado de Deus e, para isto, contava com o apoio de um mentor. Além disso, ele relata sua experiência de estar trabalhando (ainda em seu período de estudos) como auxiliar com um missionário, demonstrando quão importante essa relação do estudante com pastores com experiências.

Receber essa experiência de outra pessoa é exemplificado por Cordeiro (2008) *apud* Forman *et. al.* (2008) como uma corrida de revezamento, a qual é vencida ou perdida na hora de passar o bastão. Se houve previamente uma comunicação eficiente e boa preparação entre os protagonistas, as chances de ser vencedor são grandes. No que tange ao ministério pastoral, só se pode passar o bastão àquele que está comprometido de todo coração (p. 11).

O texto bíblico traz um exemplo dessa situação ao narrar a vida de Moisés que precisava atender a todas as questões que eram trazidas a ele, desde a manhã até a tarde. O sogro de Moises ao observar a forma desse ministério, o chamou e lhe orientou para que distribuísse as responsabilidades e, assim, aliviasse o excesso de trabalho (Ex. 18.13-26 RA). Nesse trecho há uma frase chave: “Moisés

atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo quanto este lhe dissera” (v. 24). O conselho que Moisés ouviu e atendeu foi possivelmente para o povo o grande diferencial na continuidade da caminhada até chegar à terra prometida.

Outro exemplo é a passagem de comando de Moisés para seu sucessor, pois Josué fora preparado de maneira eficaz para substituí-lo. O próprio Deus disse a Josué após a morte de Moisés: “Dispõe-te, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, [...] Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei” (Js 1.2,5 RA). E quando se fala em sucessores, é preciso pensar em pessoas com aptidões e bem qualificadas para cumprir com os devidos propósitos.

Quando Josué sucedeu a Moisés, o povo disse a Josué: “Tudo quanto nos ordenaste faremos e aonde nos enviares iremos. Como em tudo obedecemos a Moisés, assim obedeceremos a ti; tão-somente seja o Senhor, teu Deus, contigo, como foi com Moisés” (Js 1.16-17 RA). Moisés investiu tempo na caminhada pelo deserto com Josué sempre próximo dele para aprender a lição de andar na presença de Deus. Sendo que o povo esperava o mesmo de seu novo líder; alguém que demonstrasse nas suas atitudes que Deus estava presente com ele.

Conduzir pessoas por meio de palavras é uma tarefa ímpar para o conselheiro ou mentor, pois exige experiência de vida no campo, como afirma Collins (1984), a eficácia será maior quando: “o conselheiro possui uma personalidade inerentemente positiva caracterizada por cordialidade, sensibilidade, compreensão, cuidado, e a disposição de confrontar as pessoas em uma atitude de amor” (p. 12). Essa personalidade se obtém por meio das experiências, ou seja, quando a pessoa já passou por situações similares.

Assim, há uma relação de causa e consequência entre as pessoas que se disseram chamadas por Deus, mas ao surgirem conflitos a respeito do chamado ou por alguma outra causa os quais não forem sanados, podem conduzi-las à desistência da vocação ministerial. A experiência de vida do conselheiro/mentor ao atender um estudante de teologia neste momento de crise a respeito do seu chamado ou o de romper com a dificuldade existente, descobrindo o caminho a ser trilhado na continuidade é que será o grande diferencial, de modo que este não abandone os estudos nem o ministério pastoral no futuro.

O conselheiro participa na capacitação, no desenvolvimento e no crescimento para que o aspirante tenha um significativo desempenho em seu aprendizado teórico e prático, bem como para que tome algumas vezes decisões importantes que vão traçar sua caminhada pelo resto de sua vida. Uma experiência de âmbito decisivo na vida de estudantes de teologia é relatada por Hoff (1996) ao contar a história da jovem que está no seminário e de um rapaz que ao conhecê-la logo demonstra interesse por ela e decide ingressar no seminário com o intuito de se casar com ela. No entanto, algumas atitudes do rapaz deixam a seminarista em dúvida sobre o verdadeiro propósito do moço e ela entra em contato com seu pastor para lhe pedir orientação espiritual e intercessão, a fim de sentir segurança e paz em seu coração. Mas o pastor percebeu que o problema era mais profundo e, após dialogar com a jovem, num processo de aconselhamento por meio de perguntas e sugestões, chegam a uma conclusão sábia e adiam o casamento, que foi em seguida cancelado, resultando no abandono do seminário pelo rapaz.

Essa jovem teve a liberdade e a atitude de pedir ajuda a quem ela entendia que lhe poderia ajudar: o pastor dela. Procurar por um(a) pastor(a) conselheiro(a) é característico de quem ainda não está no campo pastoral, pois Oliveira (2004) afirma que 72,2% de pastores não tem um orientador ou supervisor/mentor espiritual (p. 62). Isso indica que há uma lacuna na vida da pessoa vocacionada quando está no campo de ação. Ela está pastoreando, mas não está sendo tratada, pastoreada, supervisionada ou mentoreada. Oliveira (2004) complementa dizendo que “[...] a grande maioria dos pastores não é aconselhada ou exortada, ou simplesmente ouvida quando passa por situações onde normalmente as pessoas os procurariam em busca de ajuda” (p. 119).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à escassez de material na literatura existente, houve algumas dificuldades ao abordar este tema. No entanto, a bibliografia analisada revela a importância do aconselhamento de modo geral, e de alguns relatos daqueles que obtiveram uma contribuição significativa de um pastor conselheiro durante o tempo de estudos numa instituição teológica. Infelizmente há um tabu em relatar experiências do aconselhamento pastoral no período de preparo vocacional, ou seja, poucos são os que contam essa experiência. Mas não há dúvidas que a atuação do conselheiro/mentor tem um papel significativo na vida do estudante de teologia pastoral.

No início deste trabalho, foram apresentados os vários motivos pelos quais as pessoas entram para um seminário teológico e, muitas vezes, não é para atender a um chamado divino. No entanto, os que são divinamente chamados são mais persistentes e, eventualmente, mais eficazes, por estarem mais sensíveis às necessidades humanas, além de atuarem em campo com mais satisfação.

Abandonar a missão não é exclusivo daqueles que estão no ministério pastoral e da igreja, mas existe também um alto índice de desistência em outros seguimentos, como no mundo dos negócios. Apesar do percentual de desistência dos estudantes nas instituições teológicas serem consideradas altas, ainda fica abaixo da porcentagem daqueles que desistem do ministério depois de estarem pastoreando por alguns anos. Conforme apontaram as pesquisas, isso pode ser consequência de não terem um conselheiro mentor, o que pode ser uma das principais causas de desistência do ministério vocacional. Mas esta é uma questão que carece ainda de mais investigação.

REFERÊNCIAS

- AETAL. **Um diálogo sobre a educação teológica 2014 (S.A.)** Disponível em: <<http://aetal.com/?noticias=um-dialogo-sobre-a-educacao-teologica>>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996. Revista e Atualizada.
- Bruce, A. B. **Treinamento dos doze**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- CHAGAS, T. **Pesquisas constataam que pastores abandonam ministério**. 2012 Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/pesquisas-pastores-abandonam-ministerios>>. Acesso em: 25 de março de 2015.
- CLINEBELL, H. J. **Aconselhamento pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2007.
- COLLINS, G. R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- COSTA, P. **O que a Igreja espera da Educação Teológica**. 2014. Disponível em: <<http://aetal.com/?noticias=o-que-a-igreja-espera-da-educacao-teologica-2>>. Acesso em: 29 de agosto de 2015.
- FORMAN, R.; JONES, J.; MILLER, B. **O bastão da liderança: Uma estratégia para o desenvolvimento de líderes na sua Igreja**. Curitiba: Esperança, 2008.
- FRIESEN, A. **Cuidando do ser**. Curitiba: Esperança, 2000.
- HARDY, Steve. **A excelência no ensino teológico**. Londrina: Descoberta, 2007.
- HENDRICKS, H. **Aprenda a mentorar**. Venda Nova-MG: Betânia, 1999.
- HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996.
- MACARTUR, J. J. **Redescobrimo o ministério pastoral: Moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- OLIVEIRA, R. M. K. **Cuidando de quem cuida**. 2004. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/Oliveira_rmk_tm105.pdf>. Acesso em: dia 21/09/2015
- TAYLOR, W. **Valioso demais para que se perca: Um estudo das causas e curas de retorno prematuro de missionários**. Curitiba: Descoberta, 1998.
- WARREN, R. **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Abec, 1997.

WIERSBE, W. W.; SUGDEN, H. F. **Respostas às perguntas que sempre os pastores fazem.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.